

Expressões do preconceito: estudo comparativo
entre racismo, homofobia, sexismo e idadeismo

Prejudice expressions: a comparative study between
racism, homophobia, sexism and ageism

Expresiones del prejuicio: estudio comparativo entre
racismo, homofobia, sexismo y edadismo

Vitória Mota de Oliveira(1); João Gabriel Modesto(2)

1 Centro Universitário de Brasília. Psicóloga graduada pelo Centro Universitário de Brasília. Pós-graduada em Psicologia Baseada em Evidências pelo INPBE.

E-mail: vitoriamotabsb@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-8907-5131>

2 Universidade Estadual de Goiás. Professor do Programa de Pós-Graduação em Gestão, Educação e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás. Doutor em Psicologia Social pela Universidade de Brasília.

E-mail: joao.modest@ueg.br | ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8957-7233>

Revista de Psicologia da IMED, Passo Fundo, v. 17, n. 1, p. 3-18, janeiro-junho, 2025 - ISSN 2175-5027

[Submetido: 30 set. 2024; Revisão1: 6 dez. 2024; Revisão2: 27 jan. 2026; Aceito: 4 mar. 2026; Publicado: 16 set. 2026]

DOI: <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2025.v17i1.5077>

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*

Editor: Jean Von Hohendorff

Resumo

O preconceito é um problema social grave, podendo se expressar de diferentes maneiras. Considerando a importância do tema, o objetivo geral do presente estudo é analisar a relação entre diferentes formas de expressão de preconceito (racismo, homofobia, sexismo e idadeísmo). Contou-se com uma amostra de 531 pessoas brasileiras, sendo a maioria composta por mulheres (78,50%). As idades variaram de 18 a 74 anos ($M = 24,74$; $DP = 9,64$). Os participantes responderam a um questionário *on-line* com diferentes medidas de preconceito. Verificou-se que todas as formas de preconceito analisadas estão correlacionadas entre si. Adicionalmente, foi identificado que o idadeísmo é o preconceito mais prevalente na amostra investigada e que homens, de forma geral, expressaram maiores índices de preconceito do que as mulheres. Conclui-se que existem relações moderadas e altas entre diferentes formas de preconceito e que é preciso maior atenção para prevenção e combate ao idadeísmo, tendo em vista que esse foi o preconceito mais expresso pelos participantes.

Palavras-chave: racismo, homofobia, sexismo, idadeísmo, preconceito.

Abstract

Prejudice is a serious social problem that can manifest itself in multiple ways. Given the relevance of this issue, the main objective of the present study was to examine the relationships among different forms of prejudice (racism, homophobia, sexism, and ageism). The sample comprised 531 Brazilian participants, most of whom were women (78.50%). Participants' ages ranged from 18 to 74 years ($M = 24.74$; $SD = 9.64$). Respondents completed an online questionnaire containing several measures of prejudice. The results indicated that all forms of prejudice assessed were significantly correlated with one another. In addition, ageism emerged as the most prevalent form of prejudice in the investigated sample, and men generally reported higher levels of prejudice than women. These findings suggest the existence of moderate to strong associations among different forms of prejudice and highlight the need for greater attention to the prevention and reduction of ageism, as it was the most strongly expressed form of prejudice among participants.

Keywords: racism, homophobia, sexism, ageism, prejudice.

Resumen

El prejuicio es un problema social grave que puede manifestarse de diversas formas. Considerando la relevancia de este fenómeno, el objetivo general del presente estudio fue analizar la relación entre distintas formas de expresión del prejuicio (racismo, homofobia, sexismo y edadismo). La muestra estuvo compuesta por 531 personas brasileñas, en su mayoría mujeres (78,50%). Las edades oscilaron entre los 18 y los 74 años ($M = 24,74$; $DT = 9,64$). Los participantes respondieron a un cuestionario en línea que incluía diferentes medidas de prejuicio. Los resultados indicaron que todas las formas de prejuicio analizadas se encuentran correlacionadas entre sí. Asimismo, se observó que el edadismo fue la forma de prejuicio más prevalente en la muestra estudiada y que, en general, los hombres presentaron niveles más altos de prejuicio que las mujeres. Se concluye que existen relaciones moderadas y altas entre las distintas formas de prejuicio y que es necesario prestar mayor atención a la prevención y el abordaje del edadismo, dado que fue la forma de prejuicio más expresada por los participantes.

Palabras clave: racismo, homofobia, sexismo, edadismo, prejuicio.

Introdução

O estudo do preconceito, definido como uma atitude negativa em relação a um grupo ou a indivíduos em função de sua pertença a certos grupos (Allport et al., 1954), tem despertado cada vez mais atenção de pesquisadores em diferentes áreas do conhecimento, a exemplo da psicologia social (Stangor, 2009). Apesar disso, acreditamos que alguns aspectos do fenômeno demandam melhor compreensão, como a discussão sobre a existência de um preconceito generalizado (Osborne, Satherley, Little, & Sibley, 2020).

Diferentes formas de preconceito, muitas vezes, não se manifestam de maneira isolada, mas tendem a estar associadas entre si (Hodson & Puffer, 2025), indicando que atitudes negativas direcionadas a distintos grupos sociais costumam se correlacionar, o que sustenta a compreensão do preconceito generalizado (Bergh & Brandt, 2023). Sobre o fenômeno, é importante notar que evidências longitudinais sugerem que essas associações entre diferentes formas de preconceito permanecem estáveis ou até se intensificam ao longo do tempo (Hodson & Puffer, 2025). Considerando a importância de investigações sobre a expressão de um preconceito generalizado e as associações entre subtipos do fenômeno, o presente estudo teve como objetivo principal analisar a relação entre diferentes formas de expressão de preconceito (racismo, homofobia, sexismo e idadeísmo) no contexto brasileiro.

Racismo

O racismo, enquanto uma forma de expressão do preconceito, deve ser entendido como uma forma de hierarquização, exclusão e discriminação contra um indivíduo ou grupo devido a características físicas externas que ganham uma ressignificação em termos de marca cultural interna definindo padrões de comportamento. Por exemplo, ser negro (marca física externa) pode implicar a percepção do indivíduo ou grupo como preguiçoso, agressivo e alegre (marca cultural interna). O racismo então se configura como uma redução do cultural ao biológico (Lima & Vala, 2004). É importante ressaltar que o termo “raça” não corresponde a nenhuma realidade natural, sendo uma expressão criada socialmente que visa classificar certos grupos sociais. O racismo se constitui como uma forma bastante específica de naturalizar a vida social, isso é, busca explicar diferenças pessoais, sociais e culturais a partir de diferenças tomadas como naturais/biológicas (Faustino & Rosa, 2023).

Existem diferentes formas de expressão do racismo, desde as mais flagrantes, hostis e explícitas até formas mais “sutis”, a exemplo do Racismo Moderno, que é caracterizado pela percepção de que os negros estariam recebendo mais do que merecem e violariam valores que são importantes para os brancos. Nessa configuração

de racismo, as pessoas acreditam que não existiria mais racismo, pois os negros têm as mesmas chances que os brancos para adquirirem o que almejam (Lima & Vala, 2004). Cabe mencionar, também, o racismo em sua forma institucional. De acordo com Jesus et al. (2020), ele é praticado por instituições públicas ou privadas, que promovem a exclusão ou o preconceito racial de maneira indireta, por meio de mecanismos que geram desigualdades ligadas à educação escolar, à seletividade do mercado de trabalho, à pobreza e às condições de saúde/adoecimento.

Importante chamar atenção que, apesar da importância do tema, Sacco et al. (2016), em uma revisão sistemática de literatura de estudos da psicologia brasileira sobre racismo, identificaram um número relativamente baixo de pesquisas sobre o tema. De acordo com as autoras, essa área de investigação ainda precisa avançar na psicologia brasileira, o que ressalta a relevância da presente pesquisa.

Homofobia

A homofobia, outra expressão do preconceito, se caracteriza por ser uma forma de inferiorização, baseada em uma hierarquização das sexualidades, conferindo à heterossexualidade e às pessoas cisgênero um *status* superior e natural (Borrillo, 2001; Nguyen et al., 2024), e o que fuja a esse padrão passa a ser considerado inferior e “anormal”. Ressalta-se que os homossexuais não são as únicas vítimas de violência homofóbica, pois ela se dirige a todos aqueles que não aderem à ordem clássica de gênero, como transexuais, bissexuais e homens heterossexuais que manifestam delicadeza ou sensibilidade, não performando a posição de “macho” (Borrillo, 2001). Em suma, o termo homofobia tem sido amplamente usado para conceituar violência e discriminação contra indivíduos que apresentem orientação sexual diferente da heterossexual (Costa & Nardi, 2015; Nguyen et al., 2024) ou que fogem fisicamente do padrão heteronormativo.

A homofobia pode ser expressa em diferentes espaços e contextos. Em uma revisão de literatura sobre homofobia no contexto escolar, Santos e Cerqueira-Santos (2020) identificaram que o fenômeno tem se expressado, contemporaneamente, de forma, predominantemente sutil. Os autores ressaltam a importância de que a homofobia seja discutida na formação docente como forma de combate e prevenção ao preconceito (Amadori et al., 2023; Santos e Cerqueira-Santos, 2020). Já sobre a homofobia no contexto laboral, em outro estudo de revisão, Souza, Honorato e Beiras (2021) concluem que políticas de gestão da diversidade acabam funcionando mais como uma forma de melhorar a imagem da empresa do que propriamente como uma forma de combater a homofobia, o que indica que há ainda muito a avançar no que se refere à promoção da diversidade e ao enfrentamento da homofobia no ambiente laboral (Mara et al., 2021; Souza et al., 2021).

De modo geral, em um estudo de revisão sobre a produção da psicologia brasileira sobre homofobia, Sobral et al. (2019) relatam que a psicologia no Brasil tem contribuído com a compreensão sobre o tema, dado o volume de publicações. Apesar disso, não parecem ter sido identificados trabalhos que, em um mesmo estudo, busquem comparar/relacionar diferentes formas de expressão do preconceito. O foco dos estudos revisados recaiu na análise de conhecimentos, ideias, valores e comportamentos em relação à homofobia (Sobral et al., 2019).

Sexismo

Ainda no campo da sexualidade/gênero, tem-se o sexismo, que pode ser entendido como uma atitude negativa dirigida às pessoas em virtude de pertencerem a grupos baseados no sexo. O grupo feminino é o que mais recebe atitudes sexistas negativas, sendo que grande parte das situações discriminatórias está relacionada à existência de estereótipos e atitudes (negativas) em relação ao feminino (Barreto & Doyle, 2023).

É possível falar da existência de formas tradicionais e modernas de sexismo. O sexismo tradicional é baseado na crença de que mulheres são inferiores aos homens. Esse tipo de sexismo se baseia em três ideias principais (Formiga et al., 2002; Glick & Fiske, 2001). A primeira ideia se refere ao paternalismo dominador, que entende que as mulheres são mais fracas e inferiores se comparadas aos homens, por isso a necessidade da figura masculina dominante. A segunda é a de que há uma diferenciação de gênero competitiva, que as mulheres são diferentes biologicamente e não possuem as características necessárias para assumir posições de chefia, devendo se limitar à área privada. Já a terceira diz respeito à hostilidade heterossexual, em que as mulheres, por causa do seu “poder sexual”, seriam perigosas e manipuladoras para os homens.

O sexismo benévolo, por sua vez, é mais difícil de ser notado, pois se apresenta como uma atitude supostamente positiva e que aparenta não ser preconceituosa em relação à mulher. Nessa forma de sexismo, prevalece o paternalismo, que descreve a mulher como frágil, que necessita de atenção, mas, ao mesmo tempo, completa o homem (Bareket & Fiske, 2023; Ferreira et al., 2022). As principais características do sexismo benévolo são o paternalismo protetor, a diferenciação de gênero com base na complementaridade (entendimento que as mulheres têm por natureza muitas características positivas que complementam os homens) e a intimidade heterossexual, a qual se caracteriza pela dupla dependência dos homens em relação às mulheres: dependem delas para criar seus filhos e para satisfazer suas necessidades sexuais e reprodutivas (Barreto & Doyle, 2023; Bareket & Fiske, 2023; Glick & Fiske, 2001).

Apesar da diferenciação conceitual entre as formas de sexismo, elas não são mutuamente excludentes. O sexismo benevolente, muitas vezes, pode ser usado para legitimar o sexismo hostil. Além disso, entende-se que ambas as expressões

do fenômeno servem para justificar o poder estrutural dos homens (Glick & Fiske, 2001). Apesar desse entendimento, em uma meta-análise sobre sexismo ambivalente e violência contra a mulher, foi verificado que o sexismo hostil possui uma relação mais forte com a atitude e com o comportamento violento se comparado ao sexismo benevolente (Agadullina et al., 2022).

Especificamente sobre o estudo do sexismo no contexto brasileiro, revisões da literatura têm indicado que parte das representações sociais acerca da mulher ainda se estrutura a partir de estereótipos sexistas, os quais contribuem para a manutenção de desigualdades de gênero em diferentes esferas sociais (Diniz, 2018). A autora problematiza, a partir desses achados, a importância da produção e da divulgação de trabalhos científicos teoricamente consistentes e metodologicamente rigorosos sobre o sexismo, de modo a ampliar a compreensão do fenômeno e subsidiar ações de enfrentamento. Nesse sentido, a presente pesquisa pode se somar a esse conjunto de investigações, sobretudo por permitir a análise comparativa entre diferentes formas de expressão do preconceito.

Idadismo

O termo idadismo é utilizado para a compreensão do preconceito e da discriminação em função da idade (Butler, 1969; Organização Mundial da Saúde (OMS), 2021). Existem três modalidades principais em que é possível notar o idadismo. A primeira diz respeito a aspectos pessoais, dimensão em que o indivíduo cria crenças e sentimentos individuais sobre o envelhecimento. A segunda modalidade é a cultural, em que foram criados estereótipos negativos sobre as pessoas em idade avançada. Já a terceira se refere a aspectos estruturais, em que há uma conjuntura econômica que prejudica pessoas em idade avançada, como a dificuldade de inserção no mercado de trabalho, baixos salários ou acessos escassos aos cuidados de saúde (OMS, 2021; Sousa et al., 2014).

Assim como mencionado sobre o sexismo, o idadismo também pode ser expresso de uma maneira mais flagrante/hostil e de um modo benevolente. A expressão benévola é mais difícil de ser identificada no cotidiano, sendo que uma das formas de ela se manifestar é por meio da percepção infantilizada do idoso, que utiliza a desculpa da incapacidade para segregá-lo em lugar diferente do resto da sociedade (Souza et al., 2019).

A literatura tem enfatizado o idadismo como um fenômeno estrutural que produz impactos diretos sobre a inserção, a permanência e as condições de trabalho das pessoas idosas, bem como sobre sua saúde física e mental. Revisões de literatura indicam que práticas discriminatórias baseadas na idade contribuem para processos de exclusão no mercado de trabalho, precarização das condições laborais e aumento de adoecimentos, especialmente em contextos marcados por envelhecimento populacional acelerado (Pazos & Ferreira, 2024). Adicionalmente, vale a pena mencionar que o idadismo parece ser menos discutido no Brasil se comparado a outras formas de preconceito (Silva,

2020). Esses achados reforçam a relevância de investigações que analisem o idadismo, sobretudo em articulação com outras formas de preconceito, de modo a compreender como diferentes sistemas de hierarquização social operam conjuntamente.

Visão geral do estudo

Apesar das especificidades históricas, sociais e culturais envolvidas nas diferentes formas de preconceito discutidas até aqui, há investigações que apontam para a existência de características intraindividuais que contribuem para a manifestação de diferentes expressões do preconceito. Por exemplo, diferenças de gênero têm sido associadas aos níveis de preconceito, sendo que homens tendem a apresentar índices mais elevados quando comparados às mulheres, especialmente no que se refere a formas explícitas de preconceito (Galinsky et al., 2024; Hoxter & Lester, 1994).

Outros estudos, ao buscar analisar características intraindividuais de pessoas preconceituosas, permitem pensar em uma forma generalizada do fenômeno. Não se trata de ignorar as nuances históricas e culturais da expressão de cada forma de preconceito, mas sim de entender que existem variáveis intraindividuais que explicam uma expressão mais geral do fenômeno. Nessa linha de investigação, duas variáveis intraindividuais relevantes são o autoritarismo de direita e a orientação de dominância social (Bergh & Brandt, 2023; Dellagiacoma et al., 2024; Osborne et al., 2020; Zubielevitch et al., 2023).

Adicionalmente, tem sido apontado que atitudes mais negativas em relação aos direitos humanos contribuem de forma consistente para o preconceito generalizado. Isso ocorre porque um menor apoio a princípios relacionados à dignidade humana e à igualdade de direitos favorece a legitimação de hierarquias sociais e a exclusão de determinados grupos, contribuindo para a manutenção de atitudes preconceituosas dirigidas a diferentes minorias sociais (Albarello & Rubini, 2022; Geedy-Gill & Carriere, 2024).

Acreditamos que as pesquisas sobre preconceito generalizado permitem identificar a existência de preditores intraindividuais que explicariam o preconceito geral. Porém, para além da identificação desses preditores, acreditamos ser relevante identificar se as diferentes formas de preconceito estão relacionadas entre si, sendo também uma forma de analisar a existência de um preconceito generalizado, ou se as diferentes formas de preconceito devem ser entendidas de forma independente. Nesse sentido, conforme mencionado, a presente pesquisa possui como objetivo principal analisar a relação entre diferentes formas de expressão de preconceito (racismo, homofobia, sexismo e idadismo) no contexto brasileiro.

Método

Participantes

Participaram desta pesquisa 531 sujeitos. Esse número de participantes permite um poder de 99% para identificação de um efeito de $R = 0,20$ ao nível de significância de 5%, conforme estimativas do GPower. Do total de participantes, 417 eram mulheres (78,5%), 110 eram homens (20,7%) e 4 participantes (0,8%) informaram ser “não binários”. A pesquisa obteve participantes de 22 estados, sendo a maioria do Distrito Federal (61,6%), seguido por São Paulo (12,6%) e Minas Gerais (10,9%). Em relação à escolaridade, o maior percentual foi superior incompleto (45,8%), seguido por médio completo (24,9%) e pós-graduação (13,7%). A renda que mais foi declarada ficou entre 3 e 5 salários-mínimos (17,3%), seguida por entre 8 e 13 salários mínimos (17,1%). A idade variou de 18 a 74 anos ($M = 24,74$; $DP = 9,64$). O único critério solicitado para participação na pesquisa foi ter idade igual ou superior a 18 anos, bem como ter acesso à internet para responder ao questionário *on-line*. Participantes com idade inferior a 18 anos foram excluídos da pesquisa.

Instrumentos

Homofobia: foi utilizada a dimensão “rejeição a relações de proximidade” da escala de preconceito contra homossexuais (Pereira et al., 2009). A dimensão é constituída por 10 itens, respondidos em escala Likert de 1 (nada constrangido) a 7 (muitíssimo constrangido). No estudo de validação, por meio de análise fatorial confirmatória, a medida apresentou bons parâmetros (Pereira et al., 2009). Os índices de confiabilidade encontrados da medida, no presente estudo, foram adequados ($\alpha = 0,93$; $\omega = 0,94$).

Sexismo: foi usada a Escala de Sexismo Ambivalente (Formiga et al., 2002). Esse instrumento é constituído por 22 itens, respondidos em escala Likert, oscilando de 1 (discordo totalmente) a 4 (concordo totalmente), e avalia dois fatores: sexismo hostil e sexismo benévolo. Formiga et al. (2002) apresentaram evidências de validade da medida por meio de estratégias exploratórias e confirmatórias. Os índices de confiabilidade geral da medida, na presente pesquisa, foram satisfatórios ($\alpha = 0,90$; $\omega = 0,91$).

Racismo: foi usada a Escala de Racismo Moderno (Santos et al., 2006). Esse instrumento contém 14 itens, e o participante deve ler as afirmações e indicar o quanto concorda ou discorda do conteúdo expresso. A medida deve ser respondida em uma escala tipo Likert 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente). Por meio de análise fatorial exploratória, os autores identificaram que a medida explica 32,4% do construto, em que todos os itens apresentaram cargas fatoriais acima de 0,40 (Santos et al., 2006). Os índices de confiabilidade encontrados na presente coleta foram satisfatórios ($\alpha = 0,82$; $\omega = 0,84$).

Idadismo: foi utilizada a escala de Ageísmo Ambivalente (Cary, Chasteen, & Remedios, 2017), medida que mensura dois fatores, idadismo hostil e idadismo benevolente, com evidências de validade obtidas por meio de análise fatorial, análise de consistência interna e confiabilidade teste-reteste no estudo original. A medida é composta por 13 itens, que devem ser respondidos em escala tipo Likert, variando de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente). A versão utilizada passou pelo processo de tradução e retrotradução, apresentando bons índices de consistência interna no presente estudo ($\alpha = 0,84$; $\omega = 0,83$).

Procedimentos de coleta de dados

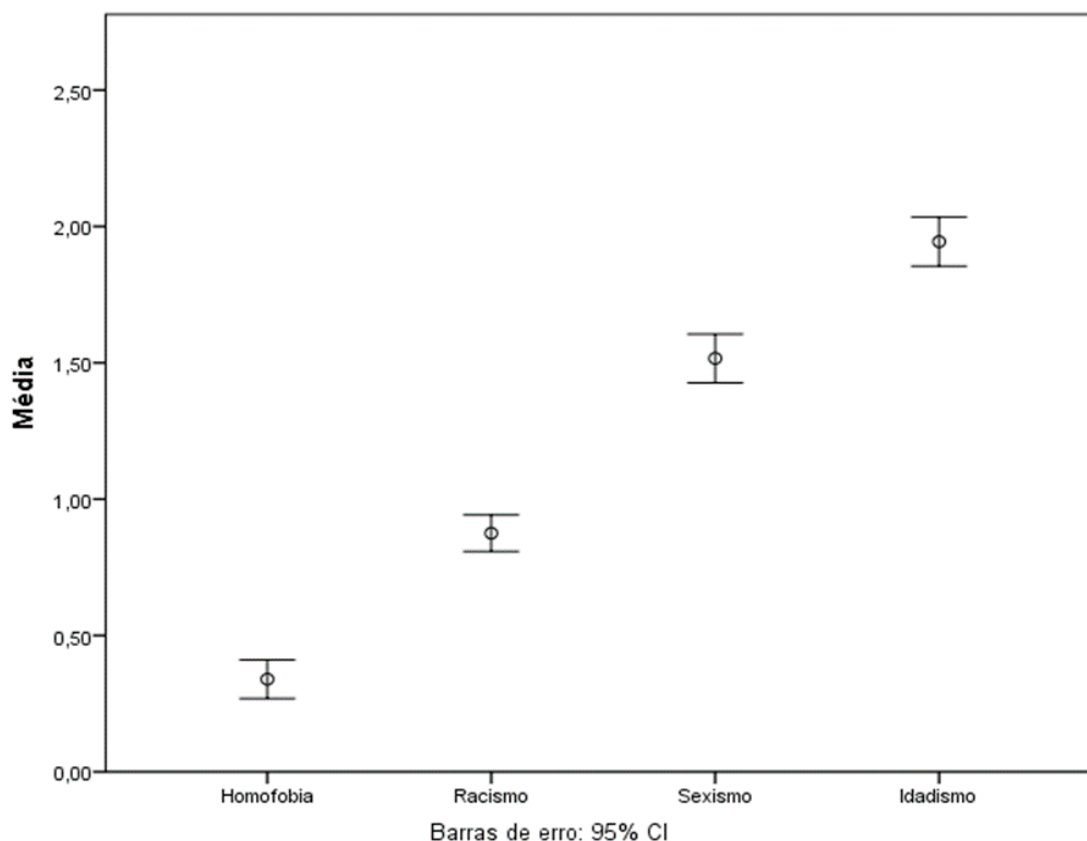
A pesquisa foi divulgada *on-line*, por meio de redes sociais dos autores, sem uso de estratégias de impulsionamento. A pessoa com acesso ao link, caso aceitasse participar do estudo, deveria responder às medidas de preconceito na seguinte ordem: sexismo, homofobia, racismo e idadismo, e, por fim, informar dados sociodemográficos. O trabalho seguiu todas as recomendações para o desenvolvimento de pesquisa com seres humanos, tendo como base as legislações vigentes e sido aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição de vinculação da primeira autora [CAAE: 36851020.6.0000.0023].

Procedimentos de análise de dados

Foram realizadas estatísticas descritivas (média e desvio padrão) e inferenciais (Correlação de Spearman e Teste Mann-Whitney) por meio do *software* SPSS versão 20.0. As análises não paramétricas foram escolhidas tendo em vista a ausência de normalidade na distribuição dos dados.

Resultados

Em primeiro lugar, optou-se por comparar os índices de preconceito na amostra investigada. Tendo em vista que foram usadas medidas atitudinais, os índices de preconceito representam então atitudes e não comportamentos discriminatórios. Para a comparação entre as formas de preconceito, uma vez que os intervalos das escalas são distintos, para facilitar a interpretação, assim como em estudos anteriores que compararam construtos com medidas intervalares distintas (Modesto & Pilati, 2015), todos os instrumentos foram convertidos para um mesmo padrão intervalar (de 0 a 6). Essa conversão das medidas permite assim uma inspeção visual mais adequada das métricas de preconceito apresentadas pelos participantes. Os resultados podem ser visualizados por meio da Figura 1.

Figura 1. Diagrama de barras de erros dos índices de preconceito

Nota. CI = Intervalo de Confiança

Conforme pode ser visualizado na Figura 1, os índices gerais de preconceito foram baixos. Apesar disso, a partir dos intervalos de confiança, nota-se uma diferença na expressão dos diferentes tipos, tendo sido encontrados maiores índices de idadismo ($M = 1,94$; $DP = 1,05$), seguido por sexismo ($M = 1,52$; $DP = 1,05$), racismo ($M = 0,87$; $DP = 0,79$) e homofobia ($M = 0,34$; $DP = 0,83$).

Adicionalmente, optamos por comparar, por meio do teste Mann-Whitney, os índices de preconceito entre homens e mulheres, tendo sido identificado que homens apresentaram maiores índices de homofobia [$U = 16736,500$, $p < 0,001$, $r = 0,19$], racismo [$U = 15379,500$, $p < 0,001$, $r = 0,23$], sexismo [$U = 13886,500$, $p < 0,001$, $r = 0,28$] e idadismo [$U = 19783,000$, $p = 0,026$, $r = 0,10$]. Portanto, independente do subtipo de preconceito, os resultados apontam para um posicionamento mais preconceituoso dos homens se comparados às mulheres.

Em seguida, foi conduzido um teste de Correlação de Spearman entre as formas de preconceito e as variáveis demográficas intervalares. Os resultados podem ser visualizados na Tabela 1.

Tabela 1. *Correlação entre expressões do preconceito e dados sociodemográficos*

	Sexismo	Homofobia	Racismo	Idadismo	Escolaridade	Renda	Idade
Sexismo	1	0,48*	0,65*	0,56*	0,03	-0,08	0,07
Homofobia		1	0,37*	0,25*	0,17*	0,06	0,21*
Racismo			1	0,48*	0,05	0,03	0,01
Idadismo				1	-0,16*	-0,16*	-0,16*
Escolaridade					1	0,30*	0,74*
Renda						1	0,21*
Idade							1

Nota. * $p < 0,05$

Conforme pode ser visualizado na Tabela 1, todas as formas de preconceito analisadas no estudo estão correlacionadas entre si. O maior índice de correlação encontrado foi entre racismo e sexismo (0,65), seguido pela correlação encontrada entre idadismo e sexismo (0,56), e sexismo e homofobia (0,48). O menor índice de correlação identificado foi entre idadismo e homofobia (0,25).

Ao explorar as variáveis sociodemográficas, foi encontrado que maior nível de escolaridade está relacionado (em baixa intensidade) com menores índices de idadismo e maiores índices de homofobia (também em baixa intensidade). Em relação à renda, quanto maior ela for, menor o índice de idadismo, mas essa relação também é fraca. Além disso, a renda não se relaciona com outros tipos de preconceito. Já quanto à idade dos participantes, há relação com homofobia, indicando que maior idade se relaciona a maiores índices desse tipo de preconceito. Por outro lado, maior idade se associou a menores índices de idadismo.

Discussão

Conforme mencionado, o objetivo principal da presente pesquisa foi analisar a relação entre diferentes formas de expressão do preconceito (racismo, homofobia, sexismo e idadismo) no contexto brasileiro. De modo geral, foram identificadas correlações entre todas as formas de preconceito investigadas. À exceção da correlação entre homofobia e idadismo, as demais associações podem ser consideradas de moderadas a altas. Em conjunto, esses achados chamam atenção para a possível existência de um preconceito generalizado, que estaria na base da expressão de diferentes formas de preconceito. Assim, apesar das particularidades históricas, sociais e culturais de cada uma das manifestações analisadas, os resultados sugerem que elas se encontram interligadas. Nesse sentido, pesquisas recentes têm destacado que determinadas variáveis psicológicas de base ideológica, como o autoritarismo de

direita e a orientação à dominância social, contribuem para explicar a coexistência de diferentes formas de preconceito, reforçando a noção de um núcleo psicológico comum subjacente a essas atitudes (Bergh & Brandt, 2023; Dellagiacoma et al., 2024; Osborne et al., 2020; Zubielevitch et al., 2023).

Apesar da relação observada entre as diferentes formas de preconceito, elas se expressaram em níveis distintos na amostra investigada. Esse dado indica que, ainda que compartilhem um núcleo comum, as manifestações do preconceito variam em intensidade e forma de expressão. Nesse sentido, chamam atenção os maiores índices de idadismo observados. Acredita-se que esse resultado possa estar relacionado ao fato de o idadismo ainda ser menos discutido e problematizado no contexto brasileiro, quando comparado a outras formas de preconceito (Silva, 2020). Evidências recentes apontam que a baixa visibilidade do idadismo contribui para sua naturalização, especialmente em contextos como o mercado de trabalho, no qual a discriminação etária está associada a processos de exclusão e a prejuízos à saúde física e mental das pessoas idosas (Pazos & Ferreira, 2024). Assim, é possível inferir que ações informativas e de conscientização podem estar contribuindo para a redução de outras formas de preconceito, ao passo que ainda são necessárias intervenções específicas voltadas ao enfrentamento do idadismo, especialmente entre jovens com maior escolaridade e renda - perfil predominante da amostra - considerando o envelhecimento populacional e a necessidade de permanência prolongada no mercado de trabalho.

No que se refere aos índices gerais de preconceito, observou-se que homens apresentaram níveis mais elevados de preconceito em comparação às mulheres, em consonância com achados prévios da literatura (Hoxter & Lester, 1994; Ekehammar et al., 2003). Evidências sugerem que essas diferenças podem estar associadas à posição social ocupada pelos homens, sobretudo os brancos, heterossexuais e cisgêneros, em estruturas de poder, o que tende a favorecer a manutenção de privilégios e a reduzir a sensibilidade a desigualdades e injustiças sociais (Galinsky et al., 2024). Esse resultado reforça a importância de que ações de enfrentamento ao preconceito considerem, de forma específica, o público masculino.

Ainda no que se refere às variáveis sociodemográficas, observou-se que o aumento da idade esteve associado a maiores índices de homofobia. Maior escolaridade também se relacionou ao incremento dessa forma de preconceito, indicando que a escolarização, por si só, não atua necessariamente como fator protetivo. Esses achados sugerem que aspectos geracionais podem ser mais relevantes para a compreensão da homofobia do que a escolaridade isoladamente, uma vez que níveis mais elevados de escolarização tendem a estar associados ao incremento da idade. Diante disso, intervenções voltadas ao enfrentamento da homofobia devem considerar a variável etária. Ainda assim, tais resultados devem ser interpretados com cautela, tendo em vista que a amostra da presente pesquisa foi majoritariamente composta por jovens.

Considerações finais

Acredita-se que a presente pesquisa possui algumas limitações. Primeiro, em relação aos participantes, o perfil da amostra foi majoritariamente de mulheres, jovens e com escolaridade e renda elevadas. Novas pesquisas podem diversificar o perfil da amostra, de modo a uma melhor compreensão sobre a expressão do preconceito no país. Adicionalmente, apesar da consistência interna satisfatória, a medida de idadeísmo utilizada não passou por processo de adaptação específico para o contexto brasileiro, representando outra limitação. Ressalta-se também, do ponto de vista analítico, que foram usados apenas testes de correlação para a discussão sobre o preconceito geral. Pesquisas futuras podem usar técnicas mais robustas para identificar qual seria o “núcleo psicológico” que une diferentes formas de preconceito, bem como possíveis preditores. A literatura internacional tem apontado que variáveis como dominância social e autoritarismo podem ser úteis para essa compreensão (Osborne et al., 2020). Ademais, foi explorado o preconceito e não a discriminação propriamente dita. Logo, o fato de os dados apontarem maiores índices de idadeísmo não significa que, na prática, serão identificados maiores índices de discriminação contra esse grupo. Afinal, estudos anteriores têm apontado que não necessariamente preconceito (atitude) e discriminação (ação) estão diretamente relacionados (Modesto et al., 2017).

Apesar das limitações, entende-se que a pesquisa tem importantes contribuições. Foram apresentadas evidências de que diferentes formas de preconceito estão relacionadas entre si, indicando que, a despeito das diferenças históricas e sociais de suas expressões, parece haver algo que une diferentes formas de expressão do fenômeno e permite que se fale em um preconceito geral. Adicionalmente, foi identificado que, ao menos para o público jovem, é preciso ter maior atenção para intervenções focadas no idadeísmo, tendo em vista os índices elevados, em comparação aos de outras formas de preconceito, constatados na presente pesquisa.

Referências

- Agadullina, E., Lovakov, A., Gulevich, O., & Balezina, M. (2022). Ambivalent sexism and violence toward women: A meta-analysis. *European Journal of Social Psychology*, 52 (5-6), 819-859. <https://doi.org/10.1002/ejsp.2855>
- Albarello, F., & Rubini, M. (2022). At the roots of attribution of human rights to migrants. *Frontiers in Psychology*, 13, Article 1046616. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.1046616>
- Allport, G. W. (1954). *The nature of prejudice*. Massachusettes: Reading.
- Amadori, A., Sangiuliano Intra, F., Taverna, L., & Brighi, A. (2023). Systematic review of intervention and prevention programs to tackle homophobic bullying at school: A socio-emotional learning skills perspective. *International Journal of Bullying Prevention*. <https://doi.org/10.1007/s42380-023-00198-2>

- Bareket, O., & Fiske, S. T. (2023). A systematic review of the ambivalent sexism literature: Hostile sexism protects men's power; benevolent sexism guards traditional gender roles. *Psychological Bulletin*, 149(11-12), 637-698. <https://doi.org/10.1037/bul0000400>
- Barreto, M., & Doyle, D. M. (2023). Benevolent and hostile sexism in a shifting global context. *Nature Reviews Psychology*, 2(2), 98-111. <https://doi.org/10.1038/s44159-022-00136-x>
- Bergh, R., & Brandt, M. J. (2023). Generalized prejudice: Lessons about social power, ideological conflict, and levels of abstraction. *European Review of Social Psychology*, 34(1), 92-126. <https://doi.org/10.1080/10463283.2022.2040140>
- Borrillo, D. (2001). *Homofobia*. Barcelona: Bellaterra.
- Butler, R. N. (1969). Age-ism: Another form of bigotry. *The Gerontologist*, 9(4), 243-246. https://doi.org/10.1093/geront/9.4_Part_1.243
- Cary, L. A., Chasteen, A. L., & Remedios, J. (2017). The ambivalent ageism scale: Developing and validating a scale to measure benevolent and hostile ageism. *The Gerontologist*, 57(2), e27-e36. <https://doi.org/10.1093/geront/gnw118>
- Costa, Â. B., & Nardi, H. C. (2015). Homofobia e preconceito contra diversidade sexual: debate conceitual. *Temas em Psicologia*, 23(3), 715-726. <https://doi.org/10.9788/TP2015.3-15>
- Dellagiacoma, L., Geschke, D., & Rothmund, T. (2024). Ideological attitudes predicting online hate speech: The differential effects of right-wing authoritarianism and social dominance orientation. *Frontiers in Social Psychology*, 2, Article 1389437. <https://doi.org/10.3389/fr-sps.2024.1389437>
- Diniz, F. C. O. R. (2018). *Representações sociais da mulher: uma revisão sistemática da literatura do Brasil e América Latina* (Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Brasil). Recuperado de <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/18976>
- Ekehammar, B., Akrami, N., & Araya, T. (2003). Gender differences in implicit prejudice. *Personality and Individual Differences*, 34(8), 1509-1523. [https://doi.org/10.1016/S0191-8869\(02\)00132-0](https://doi.org/10.1016/S0191-8869(02)00132-0)
- Faustino, D. M., & Rosa, M. D. (2023). O mal-estar colonial: racismo, indivíduo e subjetivação na sociabilidade contemporânea. *Psicologia & Sociedade*, 35(2), e275160. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2023v35e275160>
- Ferreira, M. B. D. O., Nogueira, V., Morais, M., Trindade, P. S. R. L., & Lourenço, L. M. (2022). Sexismo ambivalente relacionado à violência por parceiros íntimos: uma revisão. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 74, e010. <https://doi.org/10.36482/1809-5267.ARBP-2022v74.19545>
- Formiga, N. S., Gouveia, V. V., & Santos, M. N. D. (2002). Inventário de sexismo ambivalente: sua adaptação e relação com o gênero. *Psicologia em Estudo*, 7(1), 103-111. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722002000100013>
- Galinsky, A. D., Turek, A., Agarwal, G., Anicich, E. M., Rucker, D. D., Bowles, H. R., Liberman, N., Levin, C., & Magee, J. C. (2024). Are many sex/gender differences really power differences? *PNAS Nexus*, 3(2), pgae025. <https://doi.org/10.1093/pnasnexus/pgae025>

- Geedy-Gill, T., & Carriere, K. R. (2024). Rights for me but not for thee: Restriction of human rights based on group membership and threat perceptions. *International Journal of Psychology*, 59(2), 246–256. <https://doi.org/10.1002/ijop.12941>
- Glick, P., & Fiske, S. T. (2001). Ambivalent sexism. In M. P. Zanna (Ed.), *Advances in experimental social psychology* (Vol. 33, pp. 115-188). Thousand Oaks, CA: Academic Press.
- Hodson, G., & Puffer, H. (2025). The evolving nature of generalized prejudice toward marginalized groups in the United States 2004–2020. *Social Psychological and Personality Science*, 16(8), 919–929. <https://doi.org/10.1177/19485506241305698>
- Hoxter, A. L., & Lester, D. (1994). Gender Differences in Prejudice. *Perceptual and Motor Skills*, 79(3), 1666. <https://doi.org/10.2466/pms.1994.79.3f.1666>
- Jesus, K. C. O., Santana, H. M., & Castelar, M. (2020). Psicologia e racismo institucional na saúde pública de Salvador- Bahia. *Fractal: Revista de Psicologia*, 32(2), 142–153. <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v32i2/5697>
- Lima, M. E. O., & Vala, J. (2004). As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Estudos de Psicologia* (Natal), 9(3), 401–411. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2004000300002>
- Mara, L. C., Ginieis, M., & Brunet-Icart, I. (2021). Strategies for coping with LGBT discrimination at work: A systematic literature review. *Sexuality Research and Social Policy*, 18(2), 339–354. <https://doi.org/10.1007/s13178-020-00462-w>
- Modesto, J. G., Minelli, A. C., Fernandes, M. P., Rodrigues, M., Bufolo, R., Bitencourt, R., & Pilati, R. (2017). Racismo e Políticas Afirmativas: Evidências do Modelo da Discriminação Justificada. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 33, 1-8. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e3353>
- Modesto, J. G., & Pilati, R. (2015). Implicit Deservingness: Implicit Association Test for Belief in a Just World. *Interamerican Journal of Psychology*, 49(2), 203–212. Recuperado de <https://www.redalyc.org/pdf/284/28446019006.pdf>
- Nguyen, J., Anderson, J., & Pepping, C. A. (2024). A systematic review and research agenda of internalized sexual stigma in sexual minority individuals: Evidence from longitudinal and intervention studies. *Clinical Psychology Review*, 108, 102376. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2023.102376>
- Organização Mundial da Saúde (OMS). (2021). *Global report on ageism*. Geneva: WHO. Pg 28. Recuperado de https://www.un.org/development/desa/dspd/wp-content/uploads/sites/22/2021/03/9789240016866-eng.pdf?utm_
- Osborne, D., Satherley, N., Little, T. D., & Sibley, C. G. (2020). Authoritarianism and social dominance predict annual increases in generalized prejudice. *Social Psychological and Personality Science*, 12(7), 1136–1145. <https://doi.org/10.1177/1948550620969608>
- Pazos, P. D. F. B., & Ferreira, A. P. (2024). Pessoa idosa, mercado de trabalho, idadismo e a saúde do trabalhador: revisão de escopo. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 27, e240004. <https://doi.org/10.1590/1981-22562024027.240004.pt>

- Pereira, A., Monteiro, M. B., & Camino, L. (2009). Estudo da validação das escalas de crenças sobre a natureza da homossexualidade e de preconceito contra homossexuais. *Laboratório de Psicologia*, 7(1), 21-32. <https://doi.org/10.14417/lp.683>
- Sacco, A. M., Couto, M. C. P. de P., & Koller, S. H. (2016). Revisão sistemática de estudos da psicologia brasileira sobre preconceito racial. *Temas em Psicologia*, 24(1), 233-250. <https://doi.org/10.9788/TP2016.1-16>
- Santos, J. J., & Cerqueira-Santos, E. (2020). Homofobia e Escola: Uma Revisão Sistematizada da Literatura. *Revista Subjetividades*, 20(Esp1). <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v20iEsp1.e8734>
- Santos, W. S., Gouveia, V. V., Navas, M. S., Pimentel, C. E., & Gusmão, E. E. (2006). Escala de racismo moderno: adaptação ao contexto brasileiro. *Psicologia em Estudo*, 11(3), 637-645. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722006000300020>
- Silva, A. M. S. (2020). *Uma análise da discriminação contra idosos sob a perspectiva do grupo-alvo* (Dissertação de Mestrado em Psicologia, Universidade de Fortaleza, Fortaleza, Brasil). Recuperado de <https://biblioteca.sophia.com.br/terminalri/9575/acervo/detalhe/125098>
- Sobral, H. S., Silva, M. L. V. da., & Fernandes, S. C. S. (2019). Homofobia: o que a psicologia brasileira tem a dizer? Artigo de revisão. *Rev. CES Psico*, 12(3), 20-34. <https://doi.org/10.21615/cesp.12.3.2>
- Sousa, A. C. S. N. de, Lodovici, F. M. M., Silveira, N. D. R., & Arantes, R. P. G. (2014). Alguns apontamentos sobre o Idadismo: a posição de pessoas idosas diante desse agravo à sua subjetividade. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, 19(3), 853-877. <https://doi.org/10.22456/2316-2171.50435>
- Souza, D. C., Honorato, E. J. S., & Beiras, A. (2021). Discriminação contra homossexuais no mercado de trabalho: revisão da literatura. *PSI UNISC*, 5(1), 127-143. <https://doi.org/10.17058/psiunisc.v5i1.15452>
- Souza, L. E. C., Maia, L. M., Lima, T. J. S. de, Teixeira, S., & Neves, C. S. C. (2019). Repertórios discursivos de estudantes universitários sobre a discriminação contra idosos. *Atas - Investigação Qualitativa em Saúde/Investigación Cualitativa en Salud*, 2, 381-389. Recuperado de <https://www.proceedings.ciaiq.org/index.php/CIAIQ2019/article/download/2040/1976>
- Stangor, C. (2009). The study of stereotyping, prejudice and discrimination within social psychology: A quick history of theory and research. In T. D. Nelson (Ed.), *Handbook of prejudice, stereotyping, and discrimination* (pp. 1-22). New York: Psychology Press.
- Zubielevitch, E., Osborne, D., Milojev, P., & Sibley, C. G. (2023). Social dominance orientation and right-wing authoritarianism across the adult lifespan: An examination of aging and cohort effects. *Journal of Personality and Social Psychology*, 124(3), 544-566. <https://doi.org/10.1037/pspi0000400>